

## A FIGURA DA MÃE NO CICLO DO EXTREMO NORTE, DE DALCÍDIO JURANDIR: A TRAJETÓRIA DE D. AMÉLIA

Alinnie Oliveira Andrade Santos (UFPA)<sup>1</sup>

**Resumo:** O escritor brasileiro Dalcídio Jurandir (1909-1979) dedicou seu trabalho como romancista na execução do projeto literário que ficou conhecido como Ciclo do Extremo Norte. Esse Ciclo, composto por dez obras – *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978) – é um conjunto de narrativas ambientadas na Amazônia e tem como principal protagonista, o menino Alfredo. A trajetória de vida dele é contada em nove dos dez romances desde a sua infância em Cachoeira do Arari, seus anos na escola em Belém, até o início da fase adulta quando volta para o meio rural, indo trabalhar na cidade de Gurupá. Mesmo centrado no desenrolar dos dramas do personagem principal e sua relação com as cidades que mora e as pessoas com quem convive, os romances dalcidianos possuem um grande número de mulheres que colaboram para o desenvolvimento das narrativas, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, como também acrescentando os seus próprios dilemas pessoais. Dentre essas mulheres, nos chama atenção a mãe de Alfredo, a negra D. Amélia, que, amásia do pai do menino – o Major Alberto – adquire certa autonomia e respeito na comunidade local, o que não possuiu em sua juventude. É ela também que organiza toda a viagem do menino do Marajó para Belém, para dar continuidade aos seus estudos, realizando assim o maior sonho do filho. O presente trabalho, portanto, objetiva analisar o percurso de D. Amélia nos livros do Ciclo do Extremo Norte em que está presente, não apenas levando em consideração a sua maternidade, como também observando os seus demais dramas, a sua história como um todo, além de refletir sobre a forma como ela consegue a já referida consideração dos outros moradores da região. As faces femininas representadas por Dalcídio Jurandir nos ajudam a desvelar a sociedade amazônica do início do século passado e também como essa sociedade foi retratada pela literatura brasileira. Investigar, pois, as personagens femininas dos romances produzidos por Dalcídio Jurandir se faz necessário para se obter uma melhor compreensão de suas obras, as quais possuem como forte aspecto a denúncia social, bem como nos possibilita observar o papel do escritor paraense no contexto da literatura nacional de grande parte do século XX.


**Palavras-chave:** Dalcídio Jurandir; Amazônia; Mãe

### Introdução

Dalcídio Jurandir foi um escritor brasileiro extremamente consciente de sua escrita e do papel desta na e para a literatura brasileira. Fugindo do retrato da região feito por grande parte de seus antecessores e sem posicionar a natureza à frente do homem, o autor paraense rompeu com a tradição literária sobre a Amazônia consolidada por Euclides da Cunha e foi um grande inovador e renovador dessa literatura. Dessa forma, o escritor produziu uma literatura empenhada nas questões sociais, tal qual a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras - Estudos Literários (UFPA), Mestre em Estudos Literários (UFPA). Bolsista CAPES. Email: [alinnio.oliveira@gmail.com](mailto:alinnio.oliveira@gmail.com)



produzida na primeira metade do século XX, em outros lugares do Brasil, e não voltada somente para o cotidiano da região amazônica.

Apesar de possuir uma vasta produção como romancista e suas obras possuírem um inegável o valor estético, bem como uma reconhecida importância e contribuição para a Literatura que retrata a vida, os modos e os costumes da Amazônia, Dalcídio Jurandir é um escritor desconhecido do grande público.

Ao retratar a região amazônica, o autor paraense se empenhou também em discutir as questões sociais, tal qual a literatura produzida na primeira metade do século XX, em outros lugares do Brasil. Poucas linhas, no entanto, são destinadas a caracterizar suas obras nos livros de História da Literatura e Crítica Literária.


Alfredo Bosi (2007), por exemplo em sua conhecida história literária, apenas se limita a enquadrar o escritor paraense como um autor de romances que apresentam um regionalismo menor, contudo de “inegável valor documental”. Bosi também o considera, entre todos os escritores desse tipo de regionalismo citados por ele, como o “mais complexo e moderno de todos”.

Os romances dalcidianos, são ambientados na Amazônia paraense e apresentam temáticas que envolvem o homem dessa região. As narrativas dos dez livros não são independentes entre si, mas tanto pelos temas, como pela presença de recorrentes dos mesmos personagens e espaços, há a correlação entre as obras.

Segundo Marlí Furtado (2010, p. 15), com o ciclo, o escritor paraense rompeu com a tradição literária dessa região:

Pobres e decaídos, produzidos e cerceados pela própria sociedade burguesa em que se inserem, eis os principais personagens dalcidianos que trafegam, corroídos, num ambiente também corroído, a Amazônia pós-auge da economia da borracha. Não mais marcados pelo embate com uma Natureza grandiosa, mítica, na maioria das vezes invencível, como aprovou a grande parte da literatura que focalizou a Amazônia até então. (FURTADO, 2010, p. 15).

O Ciclo do Extremo, de uma maneira geral, narra a saga do menino Alfredo. Nove dos dez romances narram a sua trajetória de vida, desde a infância até o início da fase adulta. Filho de uma negra, D. Amélia, e de um branco, Major Alberto, nutre o sonho de ir para a capital paraense, a fim de dar continuidade aos seus estudos.



Apesar de o menino ser o protagonista do Ciclo, podemos observar um grande número de mulheres que colaboram para o desenvolvimento das narrativas, contribuindo de forma marcante para a construção dos enredos e dos dramas dos personagens centrais das obras, mesmo não sendo, em sua maioria, protagonistas dos romances. Uma dessas personagens é D. Amélia.

#### **D. Amélia: “a pretinha de Muaná”, mãe de Alfredo**


D. Amélia, é a mãe do menino Alfredo. Ela se tornou uma espécie de amásia de Major Alberto, pai deste, após ter ido trabalhar na casa dele, tornando-se sua “companheira ilegal”, para que tivesse uma viuvez sossegada, como o próprio personagem afirma no romance. Ela é uma negra, sem estudos que realiza o sonho do filho de estudar na capital Belém.

Podemos dizer que D. Amélia é uma transgressora da ordem social da comunidade da ilha do Marajó no início do século XX, pois, é uma mulher trabalhadora e, apesar da situação de pobreza que vivia na cidade de Muaná, não se deixou sucumbir à prostituição, mas ganhou seu sustento empreendendo diversos trabalhos. Após isso, foi viver com o Major Alberto sem se importar com o escândalo dessa união e da oposição das filhas dele, como veremos a seguir.

O narrador assim descreve a personagem no romance *Chove nos Campos de Cachoeira*:

D. Amélia era uma pretinha de Muaná, neta de escrava, dançadeira de coco, de isguetes nas Ilhas, cortando seringa, andando pelo Bagre, perna tuíra, apanhando açai, gapuiando, atirada ao trabalho como um homem. Viu a mãe morrer de uma recaída de papeira, sem recursos, a palhoça caindo, a prostituição, o pai golado dizendo besteiras na hora do enterro, mas Amelinha firme não se deu por achada. Tinha perdido um filho levado pelo sucuriçu nas Ilhas. (JURANDIR, 1991, p.78).

Podemos observar, com o trecho acima, como o narrador nos descreve a mãe de Alfredo: primeiro, mesmo sendo uma “pretinha de Muaná”, pobre, sem estudo, ela sempre é referida como “Dona” Amélia, expressão que indica respeito e autoridade, ou seja, mesmo ela não sendo oficialmente a esposa de Major Alberto, ela é tratada como



tal. Outro aspecto dela evidenciado nesse excerto, é a sua disposição para qualquer tipo de trabalho.

Assim, mesmo com a vida oprimida, a falta de recursos e a morte da mãe, D. Amélia não “se deu por achada”, manteve-se firme na busca de sua subsistência por meio dos seus trabalhos, sem cair na prostituição. Até que o Major a convidou para ir morar com ele em Cachoeira do Arari, mesmo contra a vontade das filhas de seu primeiro casamento:


As filhas brigaram, mandaram recados ameaçadores, peitaram gente para convencer Amélia a não dar aquele passo. Era uma pretinha. Se ainda fosse pessoa de qualidade... Mas uma pretinha de pé no chão! Quem logo! Seu pai estava de cabeça virada para uma negra. Uma cortadeira de seringa! Com filhas moças e amigado com uma preta que virava mundo pelas Ilhas! Amélia só fazia era soltar a sua risada. (JURANDIR, 1991, p. 78).

Como podemos perceber, D. Amélia enfrenta o preconceito das filhas do Major Alberto e vai com ele de Muaná para Cachoeira e lá se torna, definitivamente, a D. Amélia, tratada por grande parte das pessoas como uma senhora de respeito: “Amélia ficou sendo em Cachoeira a “dona Amélia”. Botou um gosto de terra morna, de mato e maresia na vidinha burocrática e forense do Major Alberto.” (JURANDIR, Dalcídio, 1991, p. 80)

Um aspecto que vale ressaltar em relação à maternidade de D. Amélia é o sentimento de culpa que carrega por não ter conseguido salvar do afogamento seu primeiro filho, anterior à união com o Major. Quando Alfredo, ainda pequeno, cai em um poço e ela consegue salvá-lo, é uma redenção para ela da morte desse filho, como que faz com que Alfredo, na concepção dela, torne-se duplamente seu.

“D. Amélia deu um grito. Saltou e foi buscar Alfredo no fundo do poço que era raso. Salvava o filho, e daí em diante parecia mais dela, saindo não somente da sua carne como do seu ressentimento, que ela sempre guardava consigo mesma a respeito de outro filho que morrera afogado.” (JURANDIR, Dalcídio, 1991, p. 16)

É interessante ressaltar que é ela quem se empenha com a mudança do filho para Belém. Mesmo sem ser uma mulher instruída e estudada, é ela quem planeja tudo e acompanha o filho na viagem, entendendo que o melhor para o menino era dar



continuidade aos seus estudos na capital. É com ela, então que ele vivencia os primeiros momentos de encantamento na cidade de Belém:


Alfredo pendurou-se pelo cordame e gritou para dentro da camarinha:  
— Mamãe, um automóvel!  
O carro irrompera na curva do bonde, buzinou entre as lojas e as canoas, desaparecendo.  
D. Amélia, abotoando-se, pôs a cabeça fora da camarinha e galhofou, baixo:  
— Veja e não pie, meu filho. Veja e não fale, seu tio bimba. Se lembra quando caçoava da matutice dos caboclos do Puca desembarcando em Cachoeira? (JURANDIR, Dalcídio, 2004, p.84).

Nos dois primeiros romances do *Ciclo do Extremo Norte* (*Chove nos Campos de Cachoeira e Três Casas e um Rio*), há o início do desenrolar do drama do personagem Alfredo. Para ele, a única solução seria ir para Belém, como uma fuga de todos os seus problemas. É a mãe, então que o ajuda na concretização do sonho. Mesmo que depois o sonho fosse frustrado ao se deparar com a realidade da capital, foi somente por causa da mãe que o menino pôde dar prosseguimento aos seus estudos em outro lugar. Apesar de o pai ser um homem instruído, não é ele quem se interessa em procurar um lugar para o filho estudar, é D. Amélia quem se prontifica a desenvolver tal atividade.

Quando volta de férias ao Marajó, Alfredo e seus pais vão para Muaná, cidade em que moram o pai de D. Amélia e as filhas do Major Alberto. Ela e o menino ficam na casa simples do avô, pai dela, enquanto o Major se hospeda na casa das filhas. Além de ficar intrigado, com essa separação, o menino se espanta com o comportamento da mãe, leve e divertido, rindo e conversando com as pessoas que vão à casa para visitá-la. Enquanto no Chalé em Cachoeira, os moradores da Vila, vão visitar e conversar com o Major, o dono da casa, em Muaná, quem é o centro das atenções é Amélia.

Na sua cidade de origem, para surpresa de Alfredo, ela deixa de lado a postura e o comportamento de senhora, dona de casa e mãe de família que possui ao lado do Major e tem um comportamento mais jovial e menos policiado, já que ali é a casa da sua juventude:

“Dessas liberdades, Alfredo pasmo. No chalé, fosse senhora de cima, fosse qualquer pobre de bairro, era sempre: boa noite, D. Amélia. E aqui as maiores intimidades? (...). Agoniado, se



chegava mais ao pé da mãe para lhe sentir o hálito. Não. De cheiro só o pó.” (JURANDIR, 1963, p. 24)  
“Majestade ali era a D. Amélia, era a mãe, sabia Alfredo.” (JURANDIR, 1963. p. 36.)

Dessa forma, vemos D. Amélia como uma personagem que transgrediu a ordem da sociedade em que estava inserida, pois, se em Muaná, após a morte da mãe, viveria em completo desamparo, oprimida naquela comunidade, provavelmente tendo que se submeter a prostituição para ter o que comer, ao se mudar para Cachoeira do Arari para trabalhar com o Major Alberto e, posteriormente, ter um filho com ele, ela deixou de ser apenas uma descendente de escravos para ser tratada como se de fato fosse a esposa do Major, ganhando o respeito dele e dos mais próximos de Cachoeira:


No plano da narrativa, a personagem D. Amélia contribui de forma fundamental para o desenvolvimento do enredo não somente do primeiro romance **Chove nos Campos de Cachoeira**, mas do **Ciclo do Extremo Norte** como um todo, ao intervir decisivamente na vida do filho e levá-lo para estudar na capital paraense.

### **Considerações Finais**

O Ciclo do Extremo Norte, projeto literário arquitetado por Dalcídio Jurandir, objetivava levar hábitos e costumes da Amazônia para o texto literário, sem perder o enfoque a descrição de dramas que poderiam estar presentes em qualquer outra obra, possuindo, assim, um caráter universal.

Mesmo tendo homens como protagonistas de seus enredos, as personagens femininas dos romances de Dalcídio Jurandir se destacam, não só por intervir nas histórias desses homens, como também ao trazer seus próprios dramas para as narrativas.

D. Amélia, por exemplo, além de mudar a sua vida e transgredir a ordem social do Marajó, ao morar com o Major Alberto em Cachoeira do Arari, interfere também, como mãe, decisivamente na vida do menino Alfredo, levando-o para estudar em Belém, fato este que contribui para as novas peripécias do filho, como também para o aumento da complexidade dos dramas do menino.



É a figura materna mais forte do Ciclo do Extremo Norte. Preocupa-se com os filhos, sempre muito cuidadosa no bem-estar deles. Projeta em Alfredo o futuro promissor de estudos em Belém que desejou para ela própria.

Dessa forma, D. Amélia é uma personagem importante para o Ciclo, tanto como mãe de Alfredo e também como uma mulher que rompe com paradigmas sociais.

As faces femininas representadas por Dalcídio Jurandir nos ajudam a desvelar como a sociedade foi retratada pela literatura brasileira, já que por meio delas temos uma forte crítica à forma como a sociedade se conduzia e tratava as mulheres e esse aspecto era a tônica dos textos literários coetâneos aos do escritor paraense. Investigar, pois, as personagens femininas dos romances dalcidianos se faz necessário para observar a importância da mulher no contexto social amazônico.

### **Referências bibliográficas**

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 44 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Belém: CEJUP/ SECULT, 1991.

\_\_\_\_\_. *Belém do Grão Pará*. Belém: EDUFPA, 2004.

\_\_\_\_\_. *Passagem dos Inocentes*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.